

JEAN STAROBINSKI

A tinta da melancolia

Uma história cultural da tristeza

Tradução

Rosa Freire d'Aguiar



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Éditions du Seuil. Collection La Librairie du XXI^e Siècle,
sob a direção de Maurice Olender.



**INSTITUT
FRANÇAIS**
BRASIL

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2014 Carlos Drummond de Andrade de la Médiathèque de la Maison de France, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Étrangères et Européennes.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio a Publicações 2014 Carlos Drummond de Andrade da Mediateca da Maison de France, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

L'Encre de la mélancolie

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Imagem de capa

Bashustskyy/ Shutterstock

Preparação

Paulo Werneck

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Jane Pessoa

Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Starobinski, Jean

A tinta da melancolia: Uma história cultural da tristeza / Jean Starobinski ; tradução Rosa Freire d'Aguaiar. – 1^a ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: L'Encre de la mélancolie

ISBN 978-85-359-2824-2

1. Melancolia – Aspectos sociais 2. Melancolia na literatura
I. Título.

16-07562

CDD-128.37

Índice para catálogo sistemático:

1. Melancolia : Literatura francesa : Antropologia filosófica 128.37

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
-----------------------	---

PARTE I: HISTÓRIA DO TRATAMENTO DA MELANCOLIA

Introdução	15
Os mestres antigos	18
O peso da tradição	43
A época moderna	65
Bibliografia da tese de 1960	119

PARTE II: A ANATOMIA DA MELANCOLIA

O riso de Demócrito	129
A utopia de Robert Burton	144
Jogo infernal	174
As ciências psicológicas no Renascimento	182
O retrato do dr. Gachet por Van Gogh	194

PARTE III: A LIÇÃO DA NOSTALGIA

A invenção de uma doença	205
Uma variedade do luto	225

Os ruídos da natureza	232
A noite de Troia	245

PARTE IV: A SALVAÇÃO PELA IRONIA?

Uma bufonaria transcendental	273
A princesa Brambilla	289
Kierkegaard, os pseudônimos do crente	308
Arrependimento e interioridade	322

PARTE V: SONHO E IMORTALIDADE MELANCÓLICA

Baudelaire encenador	337
As proporções da imortalidade	349
As rimas do vazio	363
O olhar das estátuas	375
O príncipe e seu bufão	396
“Negadores” e “perseguidos”	407

PARTE VI: A TINTA DA MELANCOLIA

“Em teu nada espero encontrar teu tudo”	429
<i>Es linda cosa esperar...</i>	433
Madame de Staël: não sobreviver à morte do amor	448
Jouve, operário do entremeio	461
Saturno no céu das pedras	473
“Um brilho sem fim para meu amor”	485

Posfácio — A experiência melancólica aos olhos da crítica, Fernando Vidal . 496

Notas

Referências bibliográficas

Índice onomástico

Prefácio

Ao fim de um período em que fui residente (1957-8) no Hospital Psiquiátrico Universitário de Cery, perto de Lausanne, pareceu-me oportuno dar uma espiada na história milenar da melancolia e de seus tratamentos. A era das novas terapêuticas medicamentosas acabava de se abrir. O objetivo daquele texto, destinado a médicos, era convidá-los a levar em conta a longa duração em que se inscrevia a atividade de todos eles.

Depois de formado em letras clássicas na universidade de Genebra, fiz estudos, em 1942, que me levaram ao diploma de medicina. Porém, as funções de assistente de literatura francesa na faculdade de letras de Genebra sempre me mantiveram ligado ao campo literário. Perfilava-se um projeto de tese sobre os inimigos das máscaras (Montaigne, La Rochefoucauld, Rousseau e Stendhal), enquanto eu aprendia a auscultação, a percussão, a radioscopia. Com os estudos médicos concluídos em 1948, por cinco anos fui residente na Clínica de Terapêutica do Hospital Cantonal Universitário de Genebra.

A dupla atividade médica e literária prolongou-se nos anos 1953-6, na Universidade Johns Hopkins, de Baltimore. Mas dessa vez a tarefa principal foi o ensino de literatura francesa (Montaigne, Corneille, Racine), desdobrada, no entanto, por uma presença regular às grandes consultas e às confrontações clínico-patológicas do Hospital Johns Hopkins. Beneficiei-me dos recursos do

Instituto de História da Medicina, onde ensinavam Alexandre Koyré, Ludwig Edelstein e Owsei Temkin. Tive a oportunidade de encontrar várias vezes o neurologista Kurt Goldstein, cujos trabalhos tanto contaram para Maurice Merleau-Ponty. Na faculdade de *Humanities*, tive um intercâmbio diário com Georges Poulet e Leo Spitzer.

Dessa temporada em Baltimore resultou uma tese de literatura francesa, defendida na universidade de Genebra, cujo título era *Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo* (Plon, 1957, e Gallimard, 1970). O primeiro esboço de um estudo sobre Montaigne só chegou à forma completa numa publicação mais tardia (*Montaigne em movimento*, Gallimard, 1982).

Relato essas diversas fases dos meus jovens anos para dissipar um mal-entendido. Volta e meia sou considerado um médico que largou a profissão, passou à crítica e à história literária. Na verdade, meus trabalhos foram mesclados. O ensino da história das ideias que me foi confiado em Genebra em 1958 prosseguiu de modo ininterrupto com temas que tocavam a história da literatura, da filosofia e da medicina, em especial da psicopatologia.

De meu interesse pela história da melancolia resultou uma primeira exposição narrativa, quase um relato, que permanece em suspenso na data fatídica de 1900.

Escolhi abrir o presente livro tornando público esse primeiro estudo, que por muito tempo circulou “por baixo do pano”. Foi impresso em 1960, em edição não comercial, na série das *Acta Psychosomatica* publicada em Basileia pelos laboratórios Geigy. Essa *Histoire du traitement de la mélancolie* foi uma tese apresentada em 1959 na faculdade de medicina da universidade de Lausanne.

Desde o projeto inicial, meu trabalho não devia cobrir as inovações ocorridas ou codificadas depois de 1900 no tratamento das síndromes depressivas. Os responsáveis pelos laboratórios Geigy desejavam que a continuação fosse feita, para o século xx, por Roland Kuhn (1912-2005), médico-chefe do hospital psiquiátrico cantonal de Münsterlingen (Turgóvia). Sua experiência de clínico ultrapassava de longe a minha. Ele fora o primeiro a pesquisar as propriedades farmacológicas de uma substância tricíclica, a imipramina (Tofranil), que marcou época na história do tratamento medicamentoso da depressão melancólica. Desconheço as razões pelas quais o projeto não pôde ser

realizado. Roland Kuhn, atento às inovações farmacológicas, não queria renunciar aos enfoques filosóficos ou “existenciais” da doença mental. Ligado a Ludwig Binswanger e à sua *Daseinsanalyse*, próximo mais tarde de Henri Maldiney, desejava que a prática psiquiátrica não perdesse de vista os conteúdos da experiência vivida. Um de meus trabalhos demonstra o interesse que tive pelas pesquisas de Roland Kuhn. É um artigo, publicado primeiro em *Critique* (n. 135-6, 1958), depois republicado com o título “L’Imagination projective” em *La Relation Critique*. Refere-se notadamente à obra de Kuhn, *Phénoménologie du masque à travers le test de Rorschach* [Fenomenologia da máscara por meio do teste de Rorschach], publicada em 1957 com prefácio de Gaston Bachelard.¹

Encerrei toda atividade médica em 1958. Portanto, não me foi mais possível fazer um julgamento de primeira mão sobre os resultados dos mais recentes tratamentos antidepressivos. Parte de meu ensino na universidade de Genebra permaneceu, contudo, dedicado a temas relativos à história médica.

Por mais de meio século, vários temas ou motivos ligados à melancolia orientaram meus textos. Em sua forma atual, graças ao trabalho exercido na amizade com Maurice Olender, este livro, nascido em 1960, pôde se aproximar de um alegre saber sobre a melancolia.

Genebra, maio de 2012

Agradeço a Fernando Vidal, que tanto contribuiu para a constituição deste volume.

PARTE I
HISTÓRIA DO TRATAMENTO
DA MELANCOLIA

Introdução¹

Não é possível retrair a história do tratamento da melancolia sem interrogar a história da própria doença. Pois não só as terapêuticas modificam-se era após era, mas os estados designados pelo nome de melancolia ou depressão não são idênticos. O historiador está aqui em presença de uma dupla variável. Apesar de toda a nossa vigilância, certas confusões são inevitáveis. É mais ou menos impossível reconhecer no passado as categorias nosológicas que hoje nos são familiares. As histórias de pacientes que encontramos nos livros antigos incitam-nos às vezes à tentação de um diagnóstico retrospectivo. Mas sempre falta alguma coisa: em primeiro lugar, a presença do doente. Nossa terminologia psiquiátrica, tão frequentemente hesitante diante do paciente em carne e osso, não pode se prevalecer de maior certeza quando só se tem diante de si um relato ou uma história. As historietas psiquiátricas, com que se contentava a maioria dos médicos até o século XIX, são tão divertidas quanto insuficientes.

Esquirol gostava de repetir que a loucura é a “doença da civilização”. As doenças humanas, de fato, não são puras moléstias naturais. O paciente suporta seu mal, mas também o constrói, ou o recebe de seu meio; o médico observa a doença como um fenômeno biológico, mas, ao isolá-la, ao designá-la, ao classificá-la, faz dela um ser da razão e expressa um momen-

to particular dessa aventura coletiva que é a ciência. Do lado do doente, como do lado do médico, a doença é um fato da cultura, e muda com as condições culturais.

Compreende-se facilmente que a persistência da palavra “melancolia” — conservada pela linguagem médica desde o século v antes da era cristã — não demonstra nada além do gosto pela continuidade verbal: recorreremos aos mesmos vocábulos para designar fenômenos diversos. Essa fidelidade lexicológica não é uma inércia: enquanto se transforma, a medicina quer afirmar a unidade de seu modo de agir através dos séculos. Mas não devemos nos enganar com a semelhança das palavras: por trás da continuidade da *melancolia*, os fatos indicados variam consideravelmente. Desde o momento em que os antigos verificavam um medo e uma tristeza persistentes, o diagnóstico lhes parecia garantido: aos olhos da ciência moderna, eles confundiam assim depressões endógenas, depressões reacionais, esquizofrenias, neuroses ansiosas, paranoias etc. Desse conglomerado primitivo, certas entidades clínicas mais distintas se destacaram aos poucos, e sucederam-se hipóteses explicativas as mais contraditórias. Assim, os medicamentos propostos no correr dos séculos para o tratamento da melancolia não se dirigem nem à mesma doença nem às mesmas causas. Uns pretendem corrigir uma discrasia humoral, outros visam a modificar um estado particular de tensão ou de relaxamento nervoso, outros ainda são aplicados para desviar o doente de uma ideia fixa. Está claro que os diferentes tipos de tratamento que vamos encontrar dirigem-se a estados clínicos e a sintomas que hoje julgaríamos muito distantes uns dos outros.

Praticamente toda a patologia mental pôde ser relacionada, até o século XVIII, com a hipotética *atrabilis*: um diagnóstico de melancolia implicava certeza absoluta quanto à origem do mal; o responsável era esse humor corrompido. Se as manifestações da doença eram múltiplas, sua causa era bastante simples. Refutamos essa inocente segurança baseada no imaginário. Não temos mais a presunção de decidir categoricamente a natureza e o mecanismo da relação psicofísica. À falta de poder dar a todas as depressões um substrato anatomopatológico, como pôde fazer para a paralisia geral, a psiquiatria do século XIX esforçou-se em isolar variedades mórbidas sintomáticas ou “fenomenológicas”. Tornando-se mais precisa, a noção moderna de depressão abarca um território muito menos vasto que a melancolia dos an-

tigos. A etiologia fácil e inverificada, que caracteriza o espírito pré-científico, foi substituída pela descrição rigorosa, e corajosamente admitiu-se que as verdadeiras causas continuavam a ser desconhecidas. Uma medicação pseudocientífica e pseudocausal deu lugar a um tratamento mais modesto, que se reconhece puramente sintomático. Essa modéstia pelo menos deixa o caminho livre para a pesquisa e a invenção.

Os mestres antigos

HOMERO

A melancolia, como tantos outros estados dolorosos ligados à condição humana, foi sentida e descrita bem antes de ter recebido seu nome e sua explicação médica. Homero, que está no começo de todas as imagens e de todas as ideias, nos faz captar em três versos a miséria do melancólico. Releia-se, no canto VI da *Iliada* (versos 200-3), a história de Belerofonte, que sofre inexplicavelmente a cólera dos deuses:

*Objeto de ódio para os deuses,
Ele vagava só na planície de Aleia,
O coração devorado de tristeza, evitando os vestígios dos homens.*

Tristeza, solidão, recusa a qualquer contato humano, existência errante: esse desastre não tem razão de ser, pois Belerofonte, herói corajoso e justo, não cometeu nenhum crime contra os deuses.² Muito pelo contrário: as suas desgraças, o seu primeiro exílio, se devem à sua virtude; todas as suas provações lhe vieram ao ter recusado os galanteios culpados de uma rainha, que o despeito transforma em perseguidora. Belerofonte afrontou valorosamente a sua

longa série de trabalhos, venceu a Quimera, desarmou as emboscadas, conquistou a sua terra, a sua esposa, o seu repouso. E eis que desaba no momento em que tudo parece ter sido concedido a ele. Terá ele, na luta, esgotado as suas energias vitais? Terá, na falta de novos adversários, voltado contra si mesmo a sua fúria? Deixemos essa psicologia, que não existe em Homero. Detenhamo-nos, ao contrário, na imagem, muito impressionante, e num exílio imposto por decreto divino. Os deuses, em seu conjunto, acham bom perseguir Belerofonte: o herói, que soube tão bem resistir à perseguição dos homens, não tem estatura para combater o ódio dos deuses. E quem persegue a hostilidade universal dos olimpianos já não tem gosto nos encontros humanos. Eis algo que deve reter a nossa atenção: no mundo homérico, tudo se passa como se a comunicação do homem com os seus semelhantes, como se a retidão do seu caminho, precisassem de uma garantia divina.³ Quando esse favor é recusado pelo conjunto dos deuses, o homem é condenado à solidão, à tristeza “devorante” (que é uma forma de *autofagia*), às corridas errantes na ansiedade. A depressão de Belerofonte nada mais é que o aspecto psicológico dessa deserção do homem pelas potências superiores. Abandonado pelos deuses, faltam-lhe qualquer recurso e toda a coragem para permanecer entre seus semelhantes. Uma cólera misteriosa, pesando do alto sobre ele, afasta-o dos caminhos trilhados pelos homens, desvia-o de todo objetivo e de todo sentido. Será isso loucura, *mania*? Não: no delírio, na *mania*, o homem é incitado ou habitado por uma potência sobrenatural, cuja presença ele sente. Aqui, tudo é afastamento, ausência. Belerofonte parece-nos vagar no vazio, longe dos deuses, longe dos homens, num deserto ilimitado.

Para se liberar de sua “negra” tristeza, o melancólico não tem outro recurso além de esperar ou se conciliar com o retorno da benevolência divina. Antes que ele possa dirigir a palavra aos homens, é preciso que uma divindade lhe devolva a indulgência de que foi destituído. É preciso que cesse essa situação de abandono. Ora, a vontade dos deuses é caprichosa...

Mas Homero é também o primeiro a evocar a potência do medicamento, do *phármakon*. Mistura de ervas egípcias, segredo das rainhas, o nepentes entorpece os sofrimentos e refreia as mordidas da bile. É justo que seja Helena, por cujo amor todo homem está disposto a tudo esquecer, quem detenha o privilégio de dispensar a bebida do esquecimento: esta atenuará o desgosto, secará por um tempo as lágrimas, inspirará a aceitação resignada das sentenças

imprevisíveis dos deuses. E era mesmo na *Odisseia* (canto IV, verso 219 ss.), poema do herói engenhoso e de seus mil recursos, que convinha vermos surgir esse maravilhoso artifício pelo qual o homem acalma os tormentos que se ligam a seu destino violento e à sua condição turbulenta.

Portanto, se Homero oferece-nos uma imagem mítica da melancolia em que o infortúnio do homem resulta de sua desgraça diante dos deuses, ele também nos propõe o exemplo de um apaziguamento farmacêutico da tristeza, que nada deve à intervenção dos deuses: uma técnica completamente humana (cercada talvez de certos ritos) escolhe as plantas, espreme, mistura, decanta seus princípios a um só tempo tóxicos e benéficos. Seguramente, a mão lindíssima que prodigalizará a bebida não deixa de aumentar a eficácia da droga, que também tem a ver com o feitiço. A tristeza de Belerofonte se origina no Conselho dos Deuses; mas os armários de Helena contêm o remédio.

OS TEXTOS HIPOCRÁTICOS

“Quando o temor e a tristeza persistem por muito tempo, é um estado melancólico.”⁴ Eis, portanto, que aparece a *bile negra*, a substância grossa, corrosiva, tenebrosa, designada pelo sentido literal de “melancolia”. É um humor natural do corpo, como o *sangue*, como a *bile amarela*, como a *pituíta*. E, da mesma forma que os outros humores, pode sobreabundar, se deslocar para fora de seu centro natural, se inflamar, se corromper. Daí resultarão diversas doenças: epilepsia, loucura furiosa (mania), tristeza, lesões cutâneas etc. O estado que hoje chamamos de melancolia não é mais que múltiplas expressões do poder patogênico da bile negra, quando o seu excesso ou a sua alteração qualitativa comprometem a *isonomia* (isto é, o equilíbrio harmonioso) dos humores.⁵

Tudo leva a crer que a observação dos vômitos ou das fezes negras deu aos médicos gregos a ideia de que estavam em presença de um humor tão fundamental quanto os três outros. A cor escura do baço, por uma associação fácil, permitiu-lhes supor que esse órgão era a sede natural da bile negra.⁶ E era satisfatório para o espírito poder estabelecer uma correspondência estreita entre os quatro humores, as quatro qualidades (seco, úmido, quente, frio) e os quatro elementos (água, ar, terra, fogo). Ao que era possível acrescentar, para constituir um mundo simétrico, as quatro idades da vida, as quatro estações e